

**unesp**  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP**

MARINA BARIANI TRAVA

***Ou Isto Ou Aquilo: A POESIA (NÃO TÃO) INFANTIL DE CECÍLIA MEIRELES***



ARARAQUARA – S.P.

2014

MARINA BARIANI TRAVA

***Ou Isto Ou Aquilo: A poesia (não tão) infantil de Cecília Meireles***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Conselho de Curso de Letras,  
da Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia  
Outeiro Fernandes**

ARARAQUARA – S.P.

2014

MARINA BARIANI TRAVA

***Ou Isto Ou Aquilo: A poesia (não tão) infantil de Cecília Meireles***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Outeiro Fernandes**

Data da defesa/entrega: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Outeiro Fernandes**

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara.

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Paulo César Andrade da Silva**

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara.

---

**Membro Titular: Prof. Dra. Márcia Eliza Pires Monza**

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Assis.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, prof. Maria Lúcia, por ter me acolhido e aceitado como sua orientanda, e por ter me auxiliado todas as vezes em que eu precisei de apoio;

Aos meus pais, Sueli e Francisco, pelo amor e pela educação que me deram, e por todo o incentivo e auxílio, sobretudo por terem viabilizado a minha formação;

Aos meus familiares, pelo enorme apoio dispensado, em especial à minha tia Mercedes que foi quem me presenteou com o livro *Ou Isto ou Aquilo* quando eu era criança;

Aos amigos e a todos aqueles que, de certa forma, foram ou são importantes para mim;

Ao Coral Rairaram, pelos momentos de amizade, apoio, descontração e compromisso;

Ao Cursinho Geração NEAr, pela oportunidade que tive de lecionar pela primeira vez.

*Meu sincero muito obrigada.*

*“A poesia é a infância reencontrada.”*

Charles Baudelaire

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Breve conceituação de poesia infantil.....	11
3. <i>Ou Isto ou Aquilo</i> : breve análise de poemas .....	13
3.1 Sobre a autora: Cecília Meireles .....	13
3.2 Três poemas (não tão) infantis.....	13
A pombinha da mata .....	15
Uma flor quebrada.....	16
O vestido de Laura .....	18
4. Considerações finais.....	20
Referências bibliográficas .....	21
Bibliografia consultada.....	22

## RESUMO

No presente trabalho, propõe-se um breve estudo analítico da obra infantil *Ou Isto ou Aquilo* (1964), da poeta Cecília Meireles. Partindo da percepção de que os poemas desse livro possuem um caráter diferenciado, tanto estética quanto tematicamente, o foco da análise proposta concentra-se justamente nos aspectos singulares da obra no que tange à abordagem de certos temas, os quais não são costumeiramente associados ao universo infantil – tais como a solidão, a morte, a saudade, a melancolia, a angústia e a nostalgia. Nosso trabalho visa, portanto, distanciar-se de uma visão tradicional e, por vezes, reducionista acerca da poesia infantil. Consideraremos o lúdico mais como uma ferramenta que permite à poeta tratar de temáticas mais densas de modo acessível à criança, sem subestimá-la. Não obstante, partindo das premissas apresentadas, pretende-se demonstrar como a autora permite não apenas ao público infantil, mas também ao leitor adulto, entrar em contato com uma profundidade poética que não se restringe a seu público-alvo. De tal modo, espera-se que a apresentação e as análises dos poemas infantis possam, de certa forma, resgatar a importância da produção poética infantil de Cecília Meireles.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Poesia infantil. *Ou Isto ou Aquilo*.

## ABSTRACT

In this paper, we propose a brief analysis of *Ou Isto ou Aquilo*, a 1964 children's poetry book by Cecilia Meireles. Based on the perception that the poems in this book possess a distinctive character, both aesthetically and thematically, the analysis focuses precisely on the work's unique aspects, regarding the approach to certain issues which are not customarily associated with the child's universe – such as solitude, death, longing, sorrow, angst and nostalgia. Our work aims to shun a common – and sometimes reductionist – vision of children's poetry, by seeing the ludic primarily as a tool that allows the poet to address denser themes in a way that is accessible to children, but without underestimating them. Likewise, based on the assumptions presented, we intend to demonstrate how the author allows not only children, but also to the adult readers, to get in contact with poetic profundity that is not restricted to the target audience. Thus, we expect that the presentation and the analysis of children's poems might, in a way, redeem the importance of Cecilia Meireles's children's poetic production.

Keywords: Cecilia Meireles. Children's poetry. *Ou Isto ou Aquilo*.



## 1. Introdução

É possível encontrar, em diversos autores, definições para o que seria literatura. Em geral, tais definições coincidem no que diz respeito à relevância de certos aspectos do texto literário em relação a outros tipos de texto. Há alguns tipos de texto literário que se distinguem da literatura tradicional a partir de certos aspectos relacionados ao contexto de produção, como é o caso da literatura infantil, o que pode conduzir a uma possível estigmatização. Esse tipo de literatura se define pelo seu público alvo, ou seja, o leitor infantil, e por isso geralmente é atribuído um caráter estritamente pedagógico à literatura infantil, partindo do pressuposto que livros para crianças devem ensinar e instruir. De acordo com Leonardo Arroyo (2011, p. 27):

A conceituação de literatura infantil tem variado muito no espaço e no tempo, tão íntima é a relação, em sua natureza, com a pedagogia. E tão imponderáveis são também os critérios constituídos para o estabelecimento de um conceito definitivo que, na maioria das vezes, ou geralmente, atendem apenas a determinadas implicações históricas, sociais e, sobretudo, pedagógicas. É o que ressalta facilmente ao longo do estudo de sua história, que vai encontrar no aparecimento do livro especialmente dirigido à criança [...] indisfarçável surpresa.

Por isso, apesar de, nas suas origens, a literatura infantil estar vinculada a certa pedagogia, é essencialmente, e em primeiro lugar, literatura. De tal modo, carrega um valor estético intrínseco a sua natureza, que não a distancia nem a torna menor que a literatura tida como não-infantil. Em seu livro *Problemas da literatura infantil* (1951), um dos pioneiros sobre o tema no país, Cecília Meireles aponta vários aspectos e questionamentos acerca do que seja a literatura infantil (1984, p. 20):

[...] “A Literatura infantil faz parte dessa Literatura Geral?” [...] “Existe uma literatura infantil?” “Como caracterizá-la?”  
Evidentemente, tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil.  
São as crianças, na verdade, que o delimitam, com sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil *a priori*, mas *a posteriori*.

Portanto, o que circunscreve a literatura infantil é, na verdade, a própria apreensão que a criança faz dessa literatura. Isto significa que, ao escrever para crianças, a poeta visa

evidentemente atingir o público infantil, mas seus poemas não necessariamente se restringem a esse público-alvo, uma vez que, ainda segundo a poeta (MEIRELES, 1984, p. 30):

[...] em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo à crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não.

É importante ressaltar que a literatura infantil não deve servir única e exclusivamente ao seu suposto caráter didático, funcional e utilitário; mas que deve, primeiramente, convergir com o gosto da criança. De tal modo, podemos observar que a preocupação de Cecília Meireles acerca do universo infantil se reflete em sua produção poética, especialmente aquela voltada para esse público. Sem deixar de lado os valores estéticos da poesia, a autora trabalha temas de certa densidade que, pela visão tradicional, poderiam ser considerados extrínsecos ao universo da criança.

Logo, este trabalho pretende investigar justamente a poesia infantil de Cecília Meireles, especificamente a da obra *Ou Isto ou Aquilo*, relativamente pouco estudada no âmbito universitário em relação à poesia madura da autora. Defendemos que os poemas do livro *Ou Isto ou Aquilo* não possuem um caráter estritamente lúdico, perspectiva sob a qual a literatura infantil é geralmente observada. De tal forma, acreditamos que tal abordagem seja um tanto reducionista, pois, em primeiro lugar, a ludicidade não é uma característica exclusiva do universo infantil, posto que a poesia – infantil ou não – muitas vezes utiliza-se do lúdico para gerar efeitos estéticos; e, em segundo lugar, porque o lirismo da poesia infantil de Cecília Meireles carrega um valor estético intrínseco à sua natureza, que não se restringe a um viés educacional – muito menos torna tal obra menor do que sua produção não-infantil.

Por isso, a expressão “não tão infantil”, presente no título do trabalho, apresenta-se mais como uma provocação, posto que tal poesia é evidentemente infantil – no sentido de “pensada para crianças” –, o que, entretanto, não significa que a poesia seja *infantilizada*, isto é, que assuma a carga pejorativa comumente atribuída ao universo da criança (tido como algo imaturo, ingênuo, imaculado, etc.). O que a poesia infantil de Cecília Meireles nos faz perceber é que a criança compartilha com o adulto dos mesmos medos, angústias, indagações e inseguranças, mas utiliza-se de outras formas para tentar compreender tais preocupações, principalmente por intermédio da criatividade e da imaginação.

## 2. Breve conceituação de poesia infantil

Desde que a literatura – não-infantil – surgiu no país, ela precisou passar por uma consolidação. Como observa Antonio Candido, temos antes do Romantismo apenas manifestações literárias e não literatura propriamente dita, pois, para ele, a literatura propriamente dita seria “um *sistema* de obras ligadas por denominadores comuns...” (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 23, grifo do autor). Com os românticos começa a se configurar uma literatura propriamente dita, mas eles ainda estão muito presos ao nacionalismo, quadro que muda definitivamente com Machado de Assis, ponto culminante da formação da literatura brasileira (CANDIDO, 1971, v. 2, p. 117-8), e se estabelece por fim apenas com o movimento modernista.

Do mesmo modo, Camargo (2012, p. 192) utiliza-se desse conceito de Candido para apresentar o processo de formação da literatura infantil brasileira: ela também busca se consolidar enquanto gênero, porém, enquanto ela serve primeiramente a um fim específico – no caso, o seu caráter e uso pedagógico e/ou o nacionalista – ela não pode ser considerada como literatura em seu estágio inicial.

Podem ser considerados, portanto, dois movimentos na literatura infantil brasileira: de um lado o surgimento desta e a sua relação estrita com a escola e os ensinamentos morais e, de outro, a ruptura disso, principalmente a partir do movimento modernista. Na poesia infantil, tal paradigma começa a mudar com autores como Henriqueta Lisboa, apesar de alguns de seus poemas ainda possuírem traços de moralismo. Porém, ao menos a partir dela, já começa a se desenvolver uma preocupação maior com a linguagem – tanto do ponto de vista estético, quanto do conteúdo (CAMARGO, 2001, p. 90):

O livro *O menino poeta* (1943) [...] privilegia o lirismo, utilizando largamente a metáfora, afastando-se, assim, do descritivismo e da narratividade características [...] da produção que o antecede [...]. Dessa forma, o livro rompe com a circulação escolar, abrindo caminho para uma poesia infantil livre de compromissos pedagógicos.

Já com Cecília Meireles, nós temos uma maior consolidação do gênero, pois a poesia infantil se mostra, antes de tudo, poesia. O fato de ela ser considerada infantil se deve mais pela linguagem ser de certo modo mais acessível e sonoramente trabalhada, e de a maioria dos poemas tematizarem situações vivenciadas nesse período da vida. Mas isso não quer dizer, de

forma alguma, que essa poesia infantil seja simplória – pelo contrário, é nesse momento que ela se torna muito mais elaborada e densa. De acordo com Lajolo e Zilberman (2006, p. 151):

Não é [...] por inspirar-se no cotidiano nem por assumir a ingenuidade do olhar infantil perante o mundo que a moderna poesia brasileira para crianças renuncia à profundidade. Nesse sentido, ela incorpora bem outra lição modernista: a de que o lirismo mais profundo pode ser trabalhado através dos temas mais prosaicos e mais cotidianos.

Portanto, a poesia infantil de Cecília Meireles é um dos primeiros grandes exemplos na literatura brasileira de que o texto voltado para a criança não precisa se limitar ao didatismo ou ao entretenimento. A presença evidente de traços lúdicos na poesia infantil de Cecília Meireles se deve sobretudo ao fato de que a autora utiliza-se de recursos formais variados (tais como a sonoridade, os jogos de palavras, entre outros) que remetem, por exemplo, às brincadeiras infantis, a fim de garantir o interesse da criança pela leitura de poesia. Tal estratégia é explorada não apenas por Cecília, mas também por seus contemporâneos – como José Paulo Paes, Vinicius de Moraes, Henriqueta Lisboa e muitos outros poetas que se voltam para o público infantil.

Além disso, Camargo (2001, p. 91) observa que Cecília “traz para a poesia infantil a musicalidade característica de sua poesia, explorando versos regulares, a combinação de diferentes metros, o verso livre, a aliteração, a assonância e a rima”. Arroyo também destaca que, “em *Ou isto ou aquilo*, livro de excepcionais virtudes literárias para a sensibilidade infantil, Cecília Meireles deixou-nos verdadeira obra-prima da poesia moderna para crianças” (2011, p. 317).

Logo, apesar de ser voltada ao público infantil, esta obra não se restringe ao contexto particular da literatura infantil, como se pretende demonstrar, uma vez que “os poemas infantis de Cecilia Meireles não ficam restritos à leitura infantil, permitindo diferentes níveis de leitura” (CAMARGO, 2001, p. 91). Tenciona-se atingir, portanto, por meio da investigação de certos elementos presentes nessa obra, justamente as possibilidades que se revelam a partir da leitura dos poemas infantis de Cecília.

### 3. *Ou Isto ou Aquilo*: breve análise de poemas

#### 3.1 Sobre a autora: Cecília Meireles

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu a 7 de novembro de 1901 na cidade do Rio de Janeiro, e veio a falecer a 9 de novembro de 1964 também no Rio de Janeiro, aos 63 anos de idade. Além de poeta foi jornalista, tradutora e professora. Seu interesse pela educação esteve presente não apenas em suas publicações poéticas e jornalísticas, mas também em sua atuação junto à sociedade, uma vez que foi fundadora da primeira biblioteca infantil brasileira em 1934. Cecília é considerada uma das mais importantes vozes da poesia brasileira contemporânea, tendo vivenciado o Modernismo brasileiro, apesar de sua obra possuir traços de outras estéticas, como o Simbolismo e o Parnasianismo.

A obra de Cecília Meireles é bastante diversificada. Aos 18 anos publicava seu primeiro livro de poesias, *Espectros* (1919), ao qual se soma vasta produção, destacando-se *Viagem* (1937), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto e outros poemas* (1945), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Metal Rosicler* (1960), *Solombra* (1963) e *Ou Isto ou Aquilo* (1964), objeto de análise do presente trabalho.

#### 3.2 Três poemas (não tão) infantis

O filósofo francês Gaston Bachelard, em seu livro *A poética do devaneio*, afirma que “uma infância potencial habita em nós”, e que “[...] assim que há comunicação entre um poeta da infância e seu leitor, por intermédio da infância que dura em nós” (2009, p. 95). Em uma entrevista ao periódico *Manchete*, Cecília Meireles comenta sobre a relação entre sua infância e sua produção poética (DAMASCENO, 1958, p. LLXXII):

Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área da minha vida. [...] Foi ainda nessa área que apareceram um dia os meus próprios livros, que não são mais do que o desenrolar natural de uma vida encantada com todas as coisas, e mergulhada em solidão e silêncio tanto quanto possível.

Logo, ao destacar que da solidão de sua infância surgiu, mais tarde, a sua poesia, a reflexão de Cecília Meireles coincide com a de Bachelard, o qual observa que “essas solidões

primeiras, [...] de criança, deixam em certas almas marcas indeléveis”, pois, para o autor, “toda a vida é sensibilizada para o devaneio poético, para um devaneio que sabe o preço da solidão” (2009, p. 94). Haveria, portanto, uma relação intrínseca entre a infância e a sensibilidade poética. Pode-se considerar que o autor que escreve para a infância é, de tal forma, aquele que constantemente presentifica e ressignifica a sua própria infância. Segundo Lajolo e Zilberman (2006, p. 148):

O ponto de encontro entre o poeta e a criança, na poesia infantil contemporânea, ocorre ou pela tematização do cotidiano infantil ou pela adoção, por parte do autor, de um ponto de vista que compartilha com seus pequenos leitores a anticonvencionalidade, quer da linguagem, quer do recorte de realidade [...].

É por isso que, como já destacamos anteriormente, acreditamos ser possível encontrar na obra *Ou Isto ou Aquilo* poemas que apresentem muitas das características mais valorizadas da obra ceciliana, independente do público ao qual se destinam. Por isso, ainda que se relacionem ao contexto da criança, os poemas distanciam-se da abordagem tradicional do universo infantil, revelando por diversas vezes um caráter existencial e ontológico, característico da Modernidade e, também, do movimento modernista. Comentando sobre o poema “Sonhos da menina”, Lajolo e Zilberman destacam esses aspectos singulares da poesia de Cecília Meireles (2006, p. 152):

Trata-se, aqui, da imersão do universo infantil tanto no contexto plástico como no contexto metafísico para o qual a poesia sempre apontou. Entre o sonho e a realidade, puxando fio de ambos, essa poesia infantil mais contemporânea tece seu espaço ao dar configuração verbal às perplexidades e impasses da condição humana, historicamente confinada – principalmente na sua representação infantil – a subir aos ares ou ficar no chão, como tão bem dizem os versos do poema de Cecília Meireles que dá nome a seu livro *Ou isto ou aquilo*.

É justamente sobre essa temática contemporânea destacada pelas autoras que se debruça a poética infantil de Cecília Meireles. As “perplexidades e impasses da condição humana” permeiam toda a obra da poeta carioca, portanto não é de se estranhar a presença desses temas na poesia infantil por ela produzida. Além disso, as autoras apontam para essa perspectiva porque há, na poesia daquele momento, a ênfase na discussão dos temas ligados à existência humana.

Neste trabalho, partimos de um recorte temático que evidencie alguns elementos mais densos e ligados à reflexão sobre a natureza humana – tais como a angústia, a solidão, a

nostalgia, a melancolia, a morte, etc. –, para analisar o modo como a autora, por meio de certos mecanismos poéticos, conduz o leitor infantil a compreender esses conteúdos de forma mais natural e sensível. No poema “A pombinha da mata”, Cecília apresenta uma pequena cena narrativa que traz um encontro entre a infância e a morte (MEIRELES, 1990, p. 59):

### **A pombinha da mata**

Três meninos na mata ouviram  
uma pombinha gemer.

“Eu acho que ela está com fome”,  
disse o primeiro,  
“e não tem nada para comer.”

Três meninos na mata ouviram  
uma pombinha carpir.

“Eu acho que ela ficou presa”,  
disse o segundo,  
“e não sabe como fugir.”

Três meninos na mata ouviram  
uma pombinha gemer.

“Eu acho que ela está com saudade”,  
disse o terceiro,  
“e com certeza vai morrer.”

Há, desde o título do poema, um apelo ao público infantil por meio do diminutivo “pombinha”, recurso comum para se criar um tom afetivo. Ao longo do texto, desenvolve-se uma espécie de narrativa em terceira pessoa, que o aproxima, por exemplo, da contação de uma história popular ou da narração de uma fábula. Os “protagonistas” são crianças (três meninos), o que permite uma identificação direta do público leitor com o poema. Além disso, a sequência de três personagens e de três momentos narrativos recupera, de certa forma, um elemento tradicional dos contos de fadas. A simbologia do número três, nesse tipo de narrativa, é extremamente significativa (MESQUITA, 2012, p. 4):

[...] o numeral em causa surge como um símbolo cuja alçada é universal, estando presente na metafísica, em toda a ação do homem e na complexidade da natureza. Representa a síntese perfeita entre o homem, o céu e a terra. Daí que surja, muitas vezes, nos contos de fadas, associado aos diferentes momentos do desenvolvimento humano e da consciência, mas sem nunca pôr de parte o seu cariz mágico e transcendente.

No famoso conto de fadas “Os três porquinhos”, por exemplo, o lobo faz uma visita a cada porquinho, com ligeiras mudanças na sequência da ação. De modo análogo, há vários outros contos de fadas nos quais são impostos três obstáculos para o herói atingir o seu objetivo. No caso do poema, são feitas três observações pelos meninos, que tentam compreender a situação em que a pombinha se encontra. Porém, apenas a fala do terceiro menino (“Eu acho que ela está com saudade”, / disse o terceiro, / “e com certeza vai morrer.”) exprime, de fato, uma certeza, que é sobre a morte da pomba como consequência de uma “saudade”. Muitas vezes, é pela morte de um animal que a criança tem o primeiro contato com a fugacidade da vida. No entanto, o menino demonstra saber que a saudade é tão dolorosa a ponto de poder levar à morte – o que pode ser um indício de seu amadurecimento.

Assim, o modo como Cecília Meireles constrói o poema desemboca em uma ambiguidade, evidenciada pela relação entre forma e conteúdo. Por um lado, a estrutura do poema – com anáforas, paralelismos sintáticos e rimas simples – geram uma musicalidade afetiva, bem ao gosto da canção popular infantil, o que cria uma atmosfera lúdica que atenua o peso do sofrimento da pomba. Por outro lado, a afirmação categórica do último menino sobre a morte certa da pomba cria um efeito contrário: a morte é a única certeza da vida e o reconhecimento disso é, ao mesmo tempo, impactante e melancólico.

Já no poema “Uma flor quebrada”, o tema da morte também está presente em uma espécie de narrativa, porém sem a perspectiva da criança (MEIRELES, 1990, p. 53):

### **Uma flor quebrada**

A raiz era escrava,  
descabelada negrinha  
que dia e noite ia e vinha  
e para a flor trabalhava.

E a árvore foi tão bela!  
Como um palácio. E o vento  
pediu em casamento  
a grande flor amarela.

Mas a festa foi breve,  
pois era um vento tão forte  
que em vez de amor trouxe morte  
à airosa flor tão leve.

E a raiz suspirava  
com muito sentimento.  
Seu trabalho onde estava?  
Todo perdido com o vento.



O título desse poema já traz uma carga semântica mais forte do que o do poema anterior, antecipando, de certa forma, o assunto a ser tratado. Apesar de assumir características humanas no poema – prosopopeia –, a flor é um ser vivo inanimado. Por isso, o fato de ela estar quebrada aponta para duas questões: primeiramente, uma flor quebrada está morta; em segundo lugar, ela foi “quebrada”, isto é, trata-se de um ato que foi realizado por outro ser – é uma morte não natural, um assassinato. Isso significa, de antemão, que o poema vai tratar do tema da morte não apenas como parte do ciclo natural da vida, mas como uma interrupção abrupta desse ciclo.

Podemos observar que o poema, assim como “A pombinha da mata”, funciona como uma espécie de narrativa. Seus três personagens (a raiz, a flor e o vento), também se envolvem de modo semelhante a um conto de fadas. A raiz se assemelha a uma ama, e cria a flor, que se assemelha a uma “princesa”. Um dia, o vento, que seria o “príncipe encantado”, pede a flor em casamento. Nesse sentido, podemos até imaginar a árvore como se fosse o castelo da princesa, visitado por esse príncipe estrangeiro (“E a árvore foi tão bela! / Como um palácio”). Porém, diferentemente dos príncipes que salvam princesas, o vento “em vez de amor trouxe morte / à airosa flor tão leve”. Logo, podemos considerar que esse amor que o vento sente pela flor representa “a ambivalência do vento que é doçura e violência, pureza e delírio [...], duplo ardor destrutivo e vivificante” (BACHELARD, 2001, p. 239).

Diante do acontecido, a raiz, que passou muito tempo cuidando da flor, se entristece ao vê-la quebrar-se (“E a raiz suspirava/com muito sentimento”), uma vez que percebe ter perdido todo o seu trabalho, que foi em vão (“Seu trabalho onde estava? / Todo perdido com o vento”). Essa flor simbolizava, para a raiz, toda uma vida dedicada ao trabalho, um trabalho análogo ao trabalho escravo, o que é evidenciado pelos versos “A raiz era escrava / descabelada negrinha / que dia e noite ia e vinha / e para a flor trabalhava”. Mas por que a raiz suspira, então, ao final do poema? Pois, além da morte da flor significar todo um trabalho perdido, a raiz cuidou a vida inteira dessa flor, como se fosse, considerando-se a relação com a escravidão, uma “ama” que cuida da “sinhá” – ou mesmo uma mãe que cuida da filha. Podemos inferir, portanto, que o poema apresenta, de um lado, a efemeridade dessas vidas – tanto da raiz, que trabalha em vão, quanto da flor, que é frágil – e, de outro, a própria visão da morte. Segundo Zilberman (2005, p. 136):

De mais difícil abordagem, em poemas para crianças, é o tema da morte, ao qual Cecília Meireles dedica “Uma Flor Quebrada”. [...] A imagem, sutil e delicada, encobre a questão da perda e oportuniza à criança a reflexão sobre a fragilidade da vida e os perigos que envolvem a existência.

Nesses poemas, o humor é substituído pela reflexão, e o ludismo cede lugar à seriedade.

Assim, apesar de ser dirigido às crianças, este poema possui um tom mais sério e menos “infantil”, propício à reflexão e interiorização do seu leitor (seja ele criança ou adulto). O tema da vida efêmera reaparece em “O vestido de Laura”, mas diferentemente dos poemas anteriores, que buscam simular uma narrativa, esse poema traz a descrição de um vestido (1990, p. 59):

### **O vestido de Laura**

O vestido de Laura,  
é de três babados,  
todos bordados.

O primeiro, todinho,  
todinho de flores  
de muitas cores.

No segundo, apenas  
borboletas voando,  
num fino bando.

O terceiro, estrelas,  
estrelas de renda  
– talvez de lenda...

O vestido de Laura  
vamos ver agora,  
sem mais demora!

Que as estrelas passam,  
borboletas, flores  
perdem suas cores.

Se não formos depressa,  
acabou-se o vestido  
todo bordado e florido!

Assim como em “A pombinha da mata”, nesse poema também são apresentados três elementos, referentes aos babados do vestido: o primeiro é constituído de flores; o segundo, de borboletas; e o terceiro de estrelas. Tais elementos surgem gradativamente como a extensão que o vestido pode alcançar, partindo do terrestre e se estendendo ao universo.

Porém, cada um desses elementos simboliza uma curta duração de tempo, posto que “as estrelas passam, / borboletas, flores / perdem suas cores”. Tecnicamente, as flores perduram somente uma estação do ano, as borboletas representam o estágio final da vida de um inseto, e as estrelas, apesar de “viverem” bilhões de anos, existem apenas durante a noite (para um observador da Terra). Além disso, a maior parte das estrelas que vemos no céu já morreu, e só restou o brilho delas; e as flores e borboletas são seres bastante frágeis e fugidios, que podem ser facilmente mortas. Como observa Zilberman (2005, p. 136):

Cecília Meireles [...] refere-se à efemeridade das coisas, em decorrência da mudança permanente dos seres. Mas traduz a idéia por meio de uma imagem, o vestido de Laura, cujo tecido, bordado de flores, aves e estrelas, se esvairá a nossos olhos, “se não formos depressa”. Como tudo que é passageiro, o vestido, embora “todo bordado e florido”, acaba-se rapidamente.

A efemeridade do vestido (“Se não formos depressa, / acabou-se o vestido / todo bordado e florido!”) pode, ainda, apontar para o fato de que a criança que o usava cresceu e não cabe mais nele, e isso é, também, um indício de que a criança deixou de ser criança; é um abandono da infância. Além disso, a infância também representa um período curto de duração, ligado ao início da vida.

De modo análogo, os outros elementos também estão relacionados ao ciclo da vida – a flor que origina o fruto, por meio da polinização; a lagarta que passa por uma metamorfose e assim se transforma em borboleta; e a estrela que está supostamente ligada à origem dos astros, ou cuja imagem no céu permanece depois de sua morte. A infância, de certa forma, também dá origem a um novo ser: é a criança que vira adulto. Portanto, se por um lado o vestido representa a fugacidade dos seres, por outro também representa, de modo ambíguo, a renovação e a manutenção da vida.

#### 4. Considerações finais

Buscou-se, no presente trabalho, demonstrar que o rótulo “infantil” dado a esse tipo de poesia por vezes acaba servindo a um juízo de valor que diminui a sua qualidade em relação ao cânone, ou restringe a sua importância a uma leitura meramente didática e lúdica. Observamos, pelos exemplos e pelas leituras de diversos estudiosos, que “a produção poética para a infância solidificou-se” desde o período do qual Cecília faz parte, “não só em termos de quantidade (proporcionalmente aos outros períodos) e diversidade, como em termos de qualidade, desvencilhando-se do recorte didático e pedagógico. [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 143).

Procurou-se defender, de tal modo, por meio do recorte temático, que a produção infantil de Cecília Meireles não está tão distante da produção não-infantil da autora, uma vez que a densidade da abordagem temática se mantém em ambas as facetas. Além disso, os elementos destacados nos poemas analisados são recorrentes na obra *Ou isto ou aquilo*, pois são justamente essas estratégias de criação que estabelecem o elo entre o universo infantil e os questionamentos referentes à natureza humana. De tal modo, como observam Lajolo e Zilberman, o universo da criança serve não apenas à poesia assumidamente de caráter infantil, pois (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 148):

São muitos os textos que elegem como tema o cotidiano infantil, focalizando situações individuais ou familiares. O texto fala de crianças, faz-se aliado delas, dá-lhes a palavra muitas vezes, e sublinha sua fragilidade perante as normas do mundo, ao mesmo tempo que salienta sua capacidade de rebeldia, criação e independência.

Portanto, espera-se que o breve estudo da obra tenha permitido compreender como tal temática mais densa se desenvolve dentro dessa poesia infantil – e, em um contexto mais amplo, dessa poesia mais contemporânea. O que a poesia infantil de Cecília Meireles traz é justamente uma reflexão acerca da imagem que se faz do leitor criança, demonstrando que é possível para ele compreender essas temáticas com sensibilidade, sem subestimá-lo. Tencionou-se, portanto, com o presente trabalho, demonstrar a relevância da obra infantil da autora tanto para as crianças quanto para o público em geral, posto que essa poesia infantil não se restringe ao universo da criança: diz muito sobre a percepção do adulto sobre sua natureza e sua condição.

### Referências bibliográficas

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. 3. ed. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAMARGO, Luís. "A poesia infantil no Brasil". In: \_\_\_\_\_. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, año 27, n. 53, p. 87-94, 2001.

\_\_\_\_\_. "A poesia infantil de Cecília Meireles". In: \_\_\_\_\_. *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 191-209.

CANDIDO, A. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1971. 2 v.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Fundamentos).

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. *Problemas de literatura infantil*. S. Paulo: Summus, 1979.

MEIRELES, Cecília; DAMASCENO, Darcy. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.

MESQUITA, Armindo Teixeira. "A simbologia dos números três e sete em contos maravilhosos". In *Alabe 6*, Red de Universidades Lectoras y Universidad de Almería, Almería: 2012. p. 117-130. Disponível em:

<<http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/109>>. Último acesso: 25 de setembro de 2013.

ZILBERMAN, Regina. "E para a poesia, não vai nada?". In: \_\_\_\_\_. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 127-143.

## Bibliografia consultada

### a. Bibliografia sobre Literatura Infantil

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia Infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

COELHO, Nelly Nevaes. *Literatura infantil*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Edusp, 1995.

\_\_\_\_\_. “A poesia destinada às crianças”. In: \_\_\_\_\_. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 6. ed. rev. São Paulo: Ática, 1993. p. 199-234. (Série Fundamentos, 87).

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. “O texto literário na formação da criança”. In: Maristela Angotti. (Org.). *Educação Infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento*. Campinas, SP: Alínea, 2009. p. 89-104.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991. (Manuais de estudo)

GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes. “Literatura infantil – fantasia que constrói realidades”. *Revista Educação & Filosofia*, Universidade Federal de Uberlândia - Centro de Ciências Humanas e Artes, v. 10, n. 20, p. 131-154, Uberlândia, jul.-dez. 1996.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KHÉDE, Sônia Salomão. *Literatura infantil, um gênero polêmico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia não é difícil*. São Paulo: Biruta, 2012.

ZILBERMAN, Regina; CADERMATORI, Lígia Magalhães. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. (Ensaio, 82).

### **b. Bibliografia sobre Cecília Meireles**

A MENINA Cecília. *Legenda*; revista da Faculdade Notre Dame, ano IV, n. 8, p. 5-11, Rio de Janeiro, 1984.

ARRIGUCCI JR., Davi. “Nota sobre Cecília”. In: \_\_\_\_\_. *O guardador de segredos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 67-71.

BOSI, Alfredo. “Em torno da poesia de Cecília Meireles”. In: \_\_\_\_\_. *Céu, inferno*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003. p. 123-144.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. “A Poesia de Cecília Meireles”. In *Revista de Letras*, UNESP, v. 8/9, p. 58-77, São Paulo, 1966.

COELHO, Nelly Novaes. “O ‘eterno instante’ na poesia de Cecília Meireles.” In: \_\_\_\_\_. *Tempo, solidão e morte*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.

ENS, Rosa (Org.). *Cecília Meireles: o desenho da vida*. Rio de Janeiro: NIELM/UFRJ, 2003.

GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: FAPESP/Humanitas (FFLCH-USP), 2007.

LÔBO, Danilo. *Cecília Meireles: o espelho e o retrato*. Brasília: UnB/Centro Cultural Banco do Brasil, 2001.

LOPES, Delvanir. *A poética de Cecília Meireles e a relação com a filosofia da existência: ou da angústia e transcendência em Metal Rosicler*. Araraquara: Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2004.

MARTINS, Sylvia Jorge de Almeida. *O paralelismo em poesias, ou isto ou aquilo & inéditos*. Araraquara: [s.n.], 1980.

MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas*. Companhia José Aguilar, 1972.

\_\_\_\_\_. *Seleção em prosa e verso*. José Olympio, 1973.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. “Da musicalidade do universo à musicalidade do verso em Cecília Meireles”. In: *Cerrados*, n. 6, ano 6, p. 77-88, Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. “Viagem aos confins da noite: *Solombra*”. In: \_\_\_\_\_. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 191-239.

MILANESI, Vera Márcia P. S. V. “Cecília Meireles: momentos e canções”. In *Itinerários*, n. 19, p. 155-169, Araraquara, 2002.

MONTEIRO, Adolfo Casais. “Cecília Meireles”. In: \_\_\_\_\_. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: IEB/USP, 1972. p. 139-144.

PARAENSE, Sílvia. *Cecilia Meireles: mito e poesia*. Santa Maria, RS: UFSM, 1999.

PAZOS, Vanda Inês da Silva. “Cecília Meireles: libérrima e exata”. *Água viva*, n. 2, ano 2, p. 59 – 66, Brasília, jan./jun. 2003.

PRZYBYCIEN, Regina; GOMES, Cleusa (Org.). *Poetas mulheres que pensaram o século XX*. Curitiba: UFPR, 2008.

SCHNEIDER KIKUTI, Sheila. Um estudo da obra poética de Cecília Meireles dedicada à infância. In *Olho d'água*, v. 1, n. 1, 2009. p. 17-28.

SECCHIN, Antônio Carlos. “Uma obra em trânsito. Cecília: a incessante canção. Poesia completa de Cecília Meireles: a edição do centenário”. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre poesia & alguma ficção*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. p. 151-162.